

A IDÉIA DE CULTURA NO CONTEXTO DOS MODERNOS DISCURSOS CULTURAIS: As contribuições de Terry Eagleton

Fábio Coimbra¹

RESUMO: A pesquisa em questão tematiza o conceito de cultura enquanto problemática no contexto dos modernos discursos culturais à luz de Terry Eagleton. O objetivo geral desta pesquisa consiste em entender os diferentes significados que à palavra cultura foram atribuídos ao longo da tradição. Trata-se, portanto, de uma investigação filosófico-científica que, partindo da raiz etimológica do termo, visa apresentar e discutir, de forma sucinta e objetiva, as diferentes versões de cultura, que, em princípio, designava uma atividade estritamente ligada ao campo. Entretanto, com a viragem cultural do século XVIII, de acordo com Eagleton, houve uma reviravolta no pensamento cultural, donde, a partir de então, “a palavra cultura tornou-se sinônimo de civilização”. A esse propósito, levantar-se-á a hipótese de que há uma forte tensão que medeia a relação entre cultura e civilização, e que – a título de tese – essa tensão se deve a uma velha querela entre tradição e modernidade.

Palavras-chave: Cultura. Civilização. Tradição. Modernidade.

ABSTRACT: The research in question thematizes the concept of culture as problematic in the context of modern cultural discourses in light of Terry Eagleton. The objective of this research is to understand the different meanings that the word culture were assigned along the tradition. It is, therefore, a philosophical-scientific research, based on the etymology of the term root, aims to present and discuss, succinctly and objectively, the different versions of culture, which, in principle, designated a closely linked activity to the field. However, with the cultural turn of the eighteenth century, according to Eagleton, there was a turnaround in cultural thought, where, from then on, "the word culture had become synonymous with civilization." In this connection, it will rise to the hypothesis that there is a strong tension that mediates the relationship between culture and civilization, and that - in the thesis - this tension is due to an old quarrel between tradition and modernity.

Keywords: Culture. Civilization. Tradition. Modernity.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa investiga o conceito de cultura no pensamento de Terry Eagleton objetivando a compreensão dos diferentes significados desse conceito, tal como ele aborda em sua obra *A ideia de cultura*, na qual mostra que, em razão de sua etimologia, cultura designava, inicialmente, uma atividade agrícola. Todavia – dado que o processo de evolução social implica, muitas vezes, em uma reformulação de certos conceitos –, houve, com o passar dos tempos, uma evolução do termo que, em decorrência de algumas viradas no pensamento cultural, adquiriu outros significados. A primeira virada cultural que

¹ Licenciado em Filosofia e Mestre em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal do Maranhão. Tem interesse especial por Ética e Filosofia Política, e autores como Rawls, Sen e Hobbes. Atualmente é Professor Substituto da Universidade Estadual do Maranhão. E-mail: antaresf84@yahoo.com.br

redimensionou o conceito de cultura foi a que ocorreu no século XVIII. A partir daí, cultura deixou de ser vista como cultivo agrícola, e passou a ser vista como erudição. Como erudição, cultura tornou-se sinônimo de civilização gestada no espírito do iluminismo. Ser civilizado significava estar em posse de uma refinada educação.

Já, por volta da virada do século XIX cultura deixa de ser sinônimo de civilização para vir a ser o seu antônimo. De acordo com Eagleton (2005, p. 20), “essa é uma mudança semântica bastante rara e que captura uma guinada histórica de grande importância”. A palavra civilização, segundo ele refere, desdobrava-se em duas categorias: uma descritiva e outra normativa. Como categoria descritiva, tinha a propriedade de *designar* uma forma de vida. Já, como normativa, tinha a de *recomendar* uma forma de vida. Para Eagleton, “o problema começa quando os aspectos descritivo e normativo da palavra civilização começam a se separar”. É nesse contexto (já no início do capitalismo industrial, e na aurora da modernidade) que se situa a tensão entre cultura e civilização. Na década de 60 do século XX, como resultado de outra virada cultural, o termo cultura se volta para a afirmação de uma identidade específica. Isso, evidentemente, vai se contrastar com a ideia de cultura enquanto categoria universal, conforme se verá. É também nesse contexto que se colocará, na tensão que há entre cultura e civilização, a querela entre tradição e modernidade. Quanto à estrutura, a pesquisa se compõe de três partes. Na primeira, investiga-se o modo como Eagleton analisa o conceito de cultura. A partir da origem, tenta-se compreender como se deu a evolução do conceito, e como, a ele, foi sendo – ao longo do tempo – atribuídos diferentes significados. Na segunda, analisa-se como se dá a relação entre homem e natureza. E, por fim, na terceira, no contexto do século XVIII, tenta-se compreender a relação entre cultura e civilização como uma extensão da relação entre tradição e modernidade.

CONCEITOS DE CULTURA

A pertinência da pergunta “o que é?” não está simplesmente na precisão da resposta pelo que se pergunta, mas, antes de tudo, no favorecer do escavamento das categorias de discursos envolvidas na construção da resposta e desenvolvidas a partir de determinadas metodologias. Assim, a pergunta “o que é cultura?”, por exemplo, é uma questão complexa, haja vista pressupor – para a consistência da resposta – uma ampla visão de mundo, bem como a precisão de um método que permita enveredar diversos

caminhos sem prejuízo do objetivo a que se pretende alcançar. De acordo com Laraia (2002, p. 30), a primeira definição antropológica do conceito de cultura foi feita por Edward Tylor em seu livro *Primitive Culture*, no qual “Tylor procurou demonstrar que cultura pode ser objeto de um estudo sistemático por tratar-se de um fenômeno natural que possui causas e regularidades”.

No contexto dos modernos discursos culturais, *A ideia de cultura*, de Terry Eagleton, é um livro instigante e, sem dúvida, de tamanha relevância nos debates contemporâneos a propósito da noção de cultura. Sua análise tem a propriedade de se valer de um método que lhe permite abordar, em perspectiva ampla, o conceito de cultura percorrendo um longo caminho que vai da origem do conceito às suas atuais configurações. Pela grandeza, extensão e profundidade de sua análise, o seu método tem a propriedade de perpassar as categorias de temporalidade e historicidade. No que diz respeito à temporalidade, Eagleton trabalha o conceito de cultura a partir de três categorias de tempo, quais sejam: tradicional, moderno e pós-moderno. Já em se tratando da categoria de historicidade, sua análise tem a propriedade de perpassar as épocas, não se prendendo a uma em específico. Nesse contexto, Eagleton mostra como – a partir da origem – se deu a evolução do conceito e como ele foi ganhando diversas significações, tais como “lavoura ou cultivo agrícola”; “civildade e civilização”; “erudição”; “modo de vida e criação artística”, dentre outras. A propósito dos diferentes significados, ele refere:

A palavra cultura mapeia em seu desdobramento semântico a mudança histórica da própria humanidade da existência rural para a urbana. Mas essa mudança semântica é paradoxal: são os habitantes urbanos que são ‘cultos’ e aqueles que vivem realmente lavrando o solo não o são. (EAGLETON, 2005, p. 10).

À primeira vista, o autor parece menosprezar a ideia de cultura como cultivo agrícola (em alusão à etimologia do termo), como se tivesse querendo, com isso, mostrar seu caráter negativo. Entretanto, quando Eagleton argumenta que os habitantes da cidade é que são civilizados, está, na verdade, falando de uma ideia de cultura em específico, que é a ideia de cultura como civilização, ou erudição, que – no contexto de uma visão dualista – seria o oposto da ideia de cultura como “cultivo agrícola”, ligada, portanto, ao campo, efetivando-se através de uma atividade estritamente material. A esse propósito é válido realçar as colocações de Laraia (2002, p. 36), – em alusão ao antropólogo americano Alfred Kroeber – quando argumenta que “graças à cultura a humanidade distanciou-se do

mundo animal. [...] o homem passou a ser considerado um ser que está em cima de suas limitações orgânicas”. Assim, cultura como civilização, ou erudição, passa a fazer parte da atividade do espírito de um povo que não se relaciona diretamente com a atividade da terra. Cultura como civilização seria uma prerrogativa daqueles que têm tempo para se instruir. Eagleton (2005, p. 10) argumenta, em princípio, que “aqueles que cultivam a terra são menos capazes de cultivar a si mesmos, [pois] a agricultura não deixa lugar para a cultura”. A respeito de cultura como cultivo agrícola, diz:

Se cultura significa cultivo, o termo sugere uma dialética entre o artificial e o natural, entre o que fazemos ao mundo e o que o mundo nos faz. É uma noção realista já que implica a existência de uma natureza ou matéria prima além de nós; mas, tem também uma dimensão “construtivista” já que essa matéria prima precisa ser elaborada numa forma humanamente significativa. (EAGLETON, 2005, p. 11).

No contexto da passagem acima descrita, Eagleton direciona sua reflexão para a relação entre cultura (atrelada à natureza) e civilização (atrelada a uma atividade humana e, portanto, artificial). Especificamente, trata-se, então, do exame dos modos pelos quais se dá essa relação. Para Eagleton, assim como o homem age sobre a natureza modificando-a, esta também tem a propriedade de agir sobre ele. Assim, pode-se argumentar que essa relação caracteriza-se, sobretudo, por ser uma relação dialética: o mundo, ou natureza, age sobre o homem, que, à sua vez, age sobre a natureza, ou mundo. Considerando o dito acima, percebe-se a quebra da dualidade homem/natureza, em benefício da harmonia entre ambos, como o próprio Eagleton (2005, p. 15) sugere, “se somos seres culturais, também somos parte da natureza que trabalhamos.

Com efeito, faz parte do que caracteriza a palavra natureza o lembrar-nos da continuidade entre nós mesmos e nosso ambiente”. Em se tratando da interferência humana na dinâmica do mundo natural, ele entende que os meios culturais usados para essa ação são derivados da própria natureza. Referenciando Políxenes em *Um conto de inverno*, de Shakespeare onde se lê: “todavia, não é a natureza aprimorada por meio algum senão por um meio por ela própria feito”, Eagleton (2005, p. 11), defende a tese de que a cultura “é vista como o meio de auto-renovação constante da natureza”. (EAGLETON, 2005, p. 12). Cultura, nessa perspectiva, figura como o meio através do qual a natureza se auto-renova. Assim, chama a atenção para o fato de que o cultural é também o que podemos modificar.

Trata-se, então, de conceber o cultural como uma construção. Todavia, como ele sugere, “o cultura é o que podemos mudar, mas o material a ser alterado tem sua própria existência autônoma”. (EAGLETON, 2005, p. 12), Há, portanto, uma transfiguração da natureza por parte da cultura. É exatamente nesse aspecto que a palavra cultura adquire a propriedade de compreender

uma tensão entre fazer e ser feito. A propósito de cultura como modo de vida, cumpre destacar as contribuições que Eagleton colhe, por exemplo, de Stuart Hall, que, segundo ele,

Propõe uma concepção de cultura igualmente generosa, como as “práticas vividas” ou ideologias práticas que capacitam uma sociedade, grupo ou classe a experimentar, definir, interpretar e dar sentido as suas condições de existências. (EAGLETON, 2005, p. 55)

Cultura, nessa perspectiva, resulta das experiências feitas com o mundo, ou a própria sociedade. Trata-se, portanto, de uma atividade prática, como bem lembrou Marcarian (1980, p. 114) em referência a Marx: “Karl Marx nas suas teses sobre Feuerbach escreveu: <<A vida social é essencialmente prática >> assim [continua Marcarian], o conceito de cultura está justamente destinado a refletir esta vida do ponto de vista do modo geral de sua realização”. Em paralelo, Eagleton (2005, p. 55) argumenta que “a cultura, de outro ponto de vista, é o conhecimento implícito do mundo pelo qual as pessoas negociam maneiras apropriadas de agir em contextos específicos”. Significa isso que, a cultura também tem a propriedade de favorecer aos indivíduos o estabelecimento de certas convenções voltadas à normalidade das ações.

Desse modo, defende que as “pessoas que pertencem ao mesmo lugar, profissão ou geração” só fazem cultura, ou ainda, constituem uma cultura “somente quando começam a compartilhar modos de falar, saber comum, modos de proceder, sistemas de valor, uma alta imagem coletiva”. (EAGLETON, 2005, p. 55). Em suma, diz ele: “a cultura pode ser aproximadamente resumida como o complexo de valores, costumes, crenças e práticas que constituem o modo de vida de um grupo específico”. (EAGLETON, 2005, p. 54). Nessa mesma linha, Marcarian (1980, p. 108) argumenta que “a definição de cultura como um modo específico da existência humana abarca todo o complexo de meios e de mecanismos de realização da atividade humana”. Apesar das assertivas acima, cabe dizer que até aqui não há um conceito de cultura definido, e sim um implícito entendimento de que, em sua totalidade, cultura não é uma atividade material puramente ligada ao solo, nem também uma atividade situada exclusivamente no âmbito do espírito. Ou seja, não é apenas cultivo agrícola, como também não é apenas erudição. Então, qual seria a ideia de cultura de Terry Eagleton?

A NATUREZA COMO MATÉRIA CONSTITUTIVA DO “EU”

Objetivando a construção de uma ideia de cultura capaz de transcender as concepções isoladas, Eagleton (2005, p. 15) procurou situar sua investigação em outro patamar de reflexão. Assim, diz:

Há outro sentido em que a palavra “cultura” está voltada para duas direções opostas. Ela sugere uma divisão dentro do “eu”: entre aquela parte de nós que se cultiva e refina e aquilo dentro de nós que constitui a matéria própria desse refinamento.

Eagleton introduz, assim, uma novidade no seio de sua reflexão: trata-se da conceituação da natureza como matéria constitutiva do “eu”. A esse propósito, a sua tese é a de que “natureza significa tanto o que há em nossa volta como o que está dentro de nós, e os impulsos destrutivos internos podem ser comparados às forças anárquicas externas”. (EAGLETON, 2005, p. 15). Portanto, há uma inextrincabilidade entre o homem e o ambiente ao seu entorno: o ser humano é uma continuidade da natureza que é uma continuidade do ser humano. Eagleton entende que o que nos assemelha à natureza é o fato de que “como ela, temos de ser moldados à força”. Entretanto, ressalva, “diferimos dela uma vez que podemos fazer isso a nós mesmos, introduzindo assim no mundo um grau de reflexividade que o resto da natureza não pode aspirar”. (EAGLETON, 2005, p. 15).

A propósito da necessidade de sermos moldados à força, que, muitas vezes, – a título de hipótese –, decorre das secretas maquinações da própria complexidade da natureza humana, Eagleton (2005, p. 16) faz uma breve reflexão sobre a política. Ele argumenta que, “numa sociedade civil, os indivíduos vivem em estado de antagonismo crônico, impelidos por interesses opostos”. Em sua concepção, é no contexto desse impasse que o Estado emerge como uma instituição mediadora dessas divisões destinada a transcender a tensão que marca a relação entre indivíduos em razão de seus diferentes interesses.

AS VIRAGENS CULTURAIS

No século XVIII, de acordo com Eagleton (2005, p. 19), houve uma viragem no pensamento cultural e, nesse contexto, “a palavra cultura tornara-se sinônimo de civilização”. Nessa mesma linha de raciocínio, Laraia (2002, p. 25) faz o seguinte esclarecimento:

No final do século XVIII, e no princípio do seguinte, o termo germânico *Kultur* era utilizado para simbolizar todos os aspectos espirituais de uma comunidade, enquanto a palavra francesa *civilization* referia-se principalmente às realizações materiais de um povo. Ambos os termos foram sintetizados por Edward Tylor no vocábulo inglês *Culture*, que ‘tomado em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade.

A propósito da ideia de cultura enquanto *civilization*, Eagleton (2005, p. 20) refere:

Cultura pertencia ao espírito geral do iluminismo. Civilização era, em grande parte, uma noção francesa – supunha-se que os franceses tivessem o monopólio de ser civilizados – e nomeava tanto o processo de refinamento social, como o telos utópico rumo ao qual se estava desenvolvendo. [...] a civilização minizava as diferenças nacionais, ao passo que a culturas as realçava.

Já “por volta da virada do século XIX cultura começa a deixar de ser sinônimo de civilização para vir a ser o seu antônimo”. (EAGLETON, 2005, p. 20). Nesse contexto, a ideia de civilização começa a soar de modo cada vez menos plausível. Nesse contexto, Eagleton (2005, p. 23) argumenta – e esse é um ponto de destaque em sua reflexão – que “o conflito entre cultura e civilização fazia parte de uma intensa querela entre tradição e modernidade.” A tradição e a modernidade são duas categorias fundamentais, cuja compreensão de como se dá a relação entre ambas se torna chave para a compreensão da relação entre cultura e civilização. Em razão dessa tensão que há entre essas duas categorias, Eagleton (2005, p. 25) refere que “o conceito de cultura que cria raízes no século XIX é o conceito de cultura pluralizado, isto é, falando das culturas de diferentes nações, bem como de diferentes culturas dentro da própria nação”. Houve no contexto do século XIX, portanto, um salto no pensamento cultural de uma perspectiva singular para uma perspectiva pluralizada. Assim, defende que “todas as culturas estão envolvidas umas com as outras; nenhuma é isolada e pura, todas são híbridas”. (EAGLETON, 2005, p. 28). Do ponto de vista do conceito de cultura tomado em seu sentido híbrido (hibridismo cultural), Canclini (2008, p. XIX) argumenta que, hibridação são “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existem de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas.” Nesse contexto, esclarece ainda que:

O conceito de hibridação é útil em algumas pesquisas para abranger conjuntamente contatos interculturais que costumam receber nomes diferentes: as fusões raciais ou étnicas denominadas mestiçagens, o sincretismo de crenças e também outras misturas modernas entre o artesanal e o industrial, o culto e o popular, o escrito e o visual nas mensagens midiáticas [...]. A mistura de colonizadores espanhóis e portugueses, depois de ingleses e franceses, com indígenas americanos, à qual se acrescentaram escravos trasladados da África, tornou a mestiçagem um processo fundacional nas sociedades do chamado Novo Mundo. (CANCLINI, 2008, p. XXVII.).

Além dos séculos XVIII e XIX, Eagleton (2005, p. 60) mostrou que houve nos anos 60, do XX, outra viragem cultural, a partir da qual “cultura passou a significar a afirmação de uma identidade específica – nacional, sexual, étnica, regional –, em vez da transcendência desta”. Para ele, a ideia de cultura enquanto significando a afirmação de uma identidade nacional, se opõe fortemente a ideia de cultura como categoria universal, como ele bem refere:

Como forma de um sujeito universal, ela [a cultura] designava aqueles valores que compartilhávamos simplesmente em virtude de nossa humanidade comum [...]. Ao ler ou ver ou escutar, nós deixávamos em suspenso nossos eus empíricos, com todas as suas contingências sociais, sexuais e étnicas, e dessa forma nos tornávamos nós mesmos sujeitos universais. (EAGLETON, 2005, p. 60).

É também nesse contexto que se torna visível, na tensão que medeia a relação entre cultura e civilização, a querela que perpassa a relação entre tradição e modernidade. Assim, pode-se dizer que houve nos anos 60 um retorno à perspectiva singular de cultura do período que antecederia o século XIX, no qual se erigiu um conceito de cultura pluralizado. Eagleton (2005, p. 59) a esse propósito argumenta que nos tempos mais modernos, “ela [cultura] se tornou superespecializada, refletindo obedientemente a fragmentação da vida moderna em vez de procurar concertá-la”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um conceito é uma categoria que está sempre em aberto para as mais diversificadas análises e interpretações; que – como quer Edgar Morin (2006) – ao ser pensado nunca deve ser dado por concluído. Nunca se fecha em uma determinada perspectiva. E é exatamente nesse fluxo contínuo de sua abertura que está a sua grandeza. As visões e a maneira como se vê é nada mais que a visão do ângulo no qual nos posicionamos para observar.

A *ideia de cultura* de Terry Eagleton – ângulo que a pesquisa usou para analisar o conceito em questão – é apenas uma visão dentre tantas possíveis, cuja grandeza está na precisão da análise que faz a propósito do conceito de cultura. Eagleton tem a propriedade de ser um autor conciso no que escreveu. A pertinência de suas ideias se expressa por meio da sua consistência num debate onde o autor usa de muita precisão na exposição do seu discurso sobre a ideia de cultura. Como destaca Laraia (2002, p. 101), “cada sistema cultural está sempre em mudança”. Foi exatamente isso que, à luz de Eagleton, a pesquisa pretendeu compreender enveredando um caminho que procurou entender essas mudanças a partir dos diferentes significados do termo. Ou seja, procurou-se mostrar como, ao longo do tempo, o termo estivera sempre em dinâmica constante. De acordo com Laraia (2002, p. 101), “entender esta dinâmica é importante para

atenuar o choque entre as gerações e evitar comportamentos preconceituosos”. Acreditamos que é exatamente nesse contexto que se faz pertinente os estudos culturais – que nunca se esgotam com uma análise, seja ela qual for. Para terminar, sem concluir, acreditamos que as ideias de Eagleton ainda constituem, sem dúvida, um campo riquíssimo nos debates contemporâneos sobre o conceito de cultura, bem como uma fonte a ser explorada na busca de soluções para os problemas culturais que ainda se fazem presentes no contexto do mundo moderno.

REFERÊNCIAS

CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4ª ed. Tradução de Heloísa Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa. São Paulo: USP, 2008.

EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. Tradução de Sandra Castello Branco. São Paulo: UNESP, 2005.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

MARCARIAN, Eduardo. *Lugar e papel das investigações da cultura nas ciências sociais modernas*. In: **ENGELS**, F; **MARCARIAN**, E; et al. *O papel da cultura nas ciências sociais*. Porto Alegre: Villa Marta, 1980.

MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. Tradução de Eliane Lisboa. Porto Alegre: Sulina, 2006.